

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 22, ano 2025 | ISSNe: 2675-5432

O pensamento de Florestan Fernandes e a luta dos Sem Terrinhas brasileiros

Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2007); Mestre em Ciências e Práticas Educativas pela Universidade de Franca (2000); graduada em Ciências Sociais pela Fundação Educacional Nordeste Mineiro (1987) e atualmente é Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia- UNEB/Departamento de Educação Campus X (DEDC X) e no centro acadêmico de educação do campo e desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAEC-DT). É professora colaboradora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) atuando no Programa de Pós-graduação em desenvolvimento territorial da América Latina e Caribe – Territorial. Professora colaboradora do Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Centro de Formação de professores (CFP).



Recebido em: 16/07/2025
Aprovado em: 31/07/2025
Publicado em: 22/08/2025

O pensamento de Florestan Fernandes e a luta dos Sem Terrinhas brasileiros

Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo¹

Resumo

Este trabalho teve como objetivo traçar breves reflexões sobre o pensamento de Florestan Fernandes e a luta dos sem terra brasileiros por meio da análise das mobilizações infantojuvenis realizadas pelo MST-Brasil. Situa o MST como Movimento social contra-hegemônico e suas estratégias de lutas para propiciar o acesso das crianças, jovens, adultos, idosos aos direitos historicamente negados às populações rurais no Brasil. As referências teóricas que embasaram a pesquisa foram: Fernandes (2004), Ramos (1999), Ferreira (2002), Santos (2002), publicações do Movimento MST (1999). Constituíram estratégias para coleta dos dados o estudo bibliográfico, a pesquisa documental e a observação direta de algumas mobilizações infantojuvenis. Os resultados indicam que algumas categorias utilizadas pelo professor Florestan Fernandes

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2007); Mestre em Ciências e Práticas Educativas pela Universidade de Franca (2000); graduada em Ciências Sociais pela Fundação Educacional Nordeste Mineiro (1987) e atualmente é Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia- UNEB/Departamento de Educação Campus X (DEDC X) e no centro acadêmico de educação do campo e desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAECDT). É professora colaboradora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) atuando no Programa de Pós-graduação em desenvolvimento territorial da América Latina e Caribe - Territorial. Professora colaboradora do Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Centro de Formação de professores (CFP).

na obra *As Trocinhas do Bom Retiro* fornecem elementos para olharmos as mobilizações dos Sem Terrinhas do MST na atualidade como: cultura infantil; processo de formação, organização e funcionamento, desenvolvimento dos jogos e brincadeiras das crianças, interação infantil, criança como sujeito. Constatou-se que nas mobilizações Infantis do MST os sem terrinhas são sujeitos de vários processos desde o planejamento, execução, gestão e avaliação da totalidade das atividades; desde as mais políticas como negociação com as autoridades, quanto às de estudo e lazer. Embora sendo processos diferentes e distantes temporalmente, constatou-se que a obra de Florestan Fernandes continua atual para análise sociológica e estudos das crianças em Movimento no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Florestan Fernandes; Culturas infantis; Mobilizações infantis; MST.

Abstract

This study aimed to outline brief reflections on the thought of Florestan Fernandes and the struggle of Brazilian Sem Terrinha children through the analysis of youth mobilizations carried out by MST-Brazil. It positions MST as a counter-hegemonic social movement and its strategies to ensure access to rights historically denied to rural populations in Brazil, including children, youth, adults, and the elderly. The theoretical references that supported the research were: Fernandes (2004), Ramos (1999), Ferreira (2002), Santos (2002), and MST publications (1999). Data collection strategies included bibliographic study, documentary research, and direct observation of youth mobilizations. The results indicate that categories used by Professor Florestan Fernandes in the work *Trocinhas do Bom Retiro* provide elements to analyze current MST mobilizations such as children's culture; processes of formation, organization and functioning; development of games and play; child interaction; and the child as a

subject. It was found that in MST's children's mobilizations, Sem Terrinha participants are subjects of various processes, from planning, execution, management, and evaluation of all activities – from political actions such as negotiations with authorities to study and leisure. Although these are different processes separated by time, Fernandes' work remains relevant for sociological analysis and studies of children in movement in Brazil.

KEYWORDS: Florestan Fernandes; Children's cultures; Children's mobilizations; MST.

Introdução

A luta pela conquista da terra no Brasil, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a partir da penúltima década do século passado, fez com que as crianças (Sem Terrinhas)² em especial criassem os seus próprios espaços de participação e produzissem aprendizados genuínos próprios da cultura e da consciência de classe camponesa, tomando em suas mãos a responsabilidade de serem sujeitos da própria história, em sintonia com a história de seus pais e das comunidades acampadas e assentadas pelo Programa Nacional de Reforma Agrária. Esse modo de se insurgir, criar, organizar as próprias atividades dialoga com os resultados da pesquisa realizada em 1944, sob o nome “As trocinhas do Bom Retiro”, por Florestan Fernandes.

No MST, as crianças se encontram em permanente movimento. As lições apreendidas no seio da luta pela terra contribuem para a criação de uma cultura de mobilizações, daí então as carências vivenciadas pelas crianças do Movimento vão se traduzindo em variadas formas de

² O nome Sem Terrinhas identifica um sujeito próprio e representa um sentimento de pertença e formação política que pode incidir de maneira diferente em cada criança e adolescente, por isso nem todo filho de Sem Terra é Sem Terrinha (Da Mata, 2015).

mobilizações. Com um ambiente propício à formação da consciência político-organizativa, as crianças do MST vão criando seus próprios espaços de participação, deixando para trás a ingenuidade e a passividade, passando a se constituírem como sujeitos de suas próprias histórias.

De acordo com Garcia (1997), o ambiente em que vivem as crianças dos acampamentos e assentamentos propicia a construção de uma subjetividade diferente das crianças da classe média urbana. Enquanto as primeiras alimentam o sonho da terra, da casa e da estabilidade, num lugar para viverem com a família e participam das lutas por esses objetivos, as segundas sonham em ir à Disney World ou em ganhar um videogame; se as primeiras criam seus jogos e brincadeiras, as segundas brincam com os brinquedos apresentados pelo mercado da sociedade de consumo que a propaganda faz desejar e consumir.

O fato de as crianças do MST não consumirem os brinquedos propagandeados pela grande mídia e não sonharem ir à Disney poderia ser caracterizado pela sociedade capitalista como perda da infância. No entanto, enfrentando os obstáculos, elas aprendem a construir o futuro com a força da solidariedade e da cooperação. Assim, as crianças Sem Terra constituem a esperança viva projetada numa perspectiva de futuro incluída na construção de um projeto da classe trabalhadora.

Buscamos com este artigo compreender em que medida os estudos de Florestan Fernandes, realizados sobre as culturas infantis, fornecem elementos teóricos e metodológicos para analisarmos os Sem Terrinhas do MST na atualidade. O recorte aqui proposto é: as mobilizações infantis realizadas pelas crianças integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Na sequência, apresentamos uma breve descrição da trajetória de Florestan Fernandes e seus estudos sobre as culturas infantis, no intuito de estabelecermos algumas relações entre as categorias de organização, mobilização e conscientização, bem como reapplicá-las reflexivamente com base no olhar desse sociólogo brasileiro.

Em seguida, caracterizaremos as mobilizações infantis no MST e, por último, traçamos algumas reflexões sobre as contribuições dos Estudos de Florestan Fernandes para olhar as Crianças em movimento no MST.

1 Florestan Fernandes: um intelectual crítico e militante

Não constitui novidade afirmar que a trajetória de Florestan Fernandes alia o exercício intelectual e a postura militante. Ao longo de sua vida, manteve-se firme em suas convicções; sempre demonstrou uma profunda crença na razão e, em nenhum momento, pelo que conhecemos dele, se acovardou, esquivou ou renunciou às suas origens. Desenvolveu estudos sobre o folclore, os indígenas, os negros e outros, mostrando como se estruturou e desenvolveram no Brasil as bases das estruturas da ordem escravocrata senhorial. Não se furtou em mostrar o comportamento da burguesia brasileira frente ao capitalismo competitivo e à exploração dos trabalhadores.

Em seus estudos, Florestan elaborou teses sobre a ordem social; criou a sociologia crítica no Brasil e passou pela pressão de ensinar numa época de ditadura. Foi exilado, sofreu com problemas de saúde, casou, foi pai, esposo, professor, cientista social, escritor, estudioso, militante político, deputado e cidadão que se propôs a ser brasileiro na sua essência, sem nunca se elitizar ou se dobrar frente às elites brasileiras. Defendeu com hombridade os direitos à saúde e à escola pública até o último momento de sua vida, quando preferiu ser cidadão comum a desfrutar de privilégios de um tratamento oferecido pelo Governo Federal, fora do país. Nos deu diversas lições por meio de suas obras e aulas de política e cidadania. Com elas, nos ofereceu a oportunidade de nos diferenciar dos exploradores, enquanto lutadores sociais e militantes e, o mais importante de tudo, nos lembrou de não nos escondermos como avestruzes diante das desigualdades e

exclusões; ao contrário, nos ensinou a nos tornar exímios pesquisadores e formuladores de teses científicas, profundamente fundamentadas na lógica social dialética; nos lembrando que na medida em que progrediu como estudante, adquiriu uma nova estrutura psicológica e, apesar da precária bagagem intelectual quando jovem, jamais se negou a buscar mecanismos para, no mínimo, “ser um professor mediano”, como dizia humildemente.

Florestan Fernandes, mesmo com diversos títulos acadêmicos, jamais se exaltou ou se colocou acima dos demais cidadãos, nos dando lições de como sermos grandes sem sermos arrogantes ou pretensiosos, e que devemos acreditar em convicções nobres e buscar continuamente o saber por ele conquistado.

2 Florestan Fernandes e as culturas infantis

Os estudos de Florestan Fernandes sobre o tema do folclore e as culturas infantis são desenvolvidos no início de sua carreira acadêmica, nos idos dos anos de 1940 do século XX, quando ele ainda era estudante da Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa sobre o citado tema foi um trabalho de aula encomendado pelo professor Roger Bastide para a cadeira de Sociologia I. Tal pesquisa resultou como produto a obra: *As Trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis* que, segundo o próprio Florestan, foi o mais importante trabalho que ele realizou sobre o folclore. Para ele, esse trabalho foi um marco na sua preparação como sociólogo e pesquisador. A referida obra poderia ser considerada o marco inicial da Sociologia da Infância no Brasil.

Ao falar sobre o trabalho, Florestan explicou que, inicialmente, pretendia pesquisar o folclore paulistano, mas, no decorrer da pesquisa, entrou no folclore Infantil, cantigas de ninar e de acalanto, brinquedos de salão, jogo de pulha etc. O próprio autor assim esclareceu:

Colhi material sobre folclore infantil, cantigas de ninar e de acalanto, brinquedos de salão, Jogo de pulha entre adultos, alguns contos lendas e fabulas, advinhas populares, sonhos, superstições, ditos e provérbios. Pouco a pouco, a medida que a experiência de trabalho de campo, me esclarecia melhor e fui me interessando por certos problemas e por certas questões, preferivelmente, restringi-me à coleta de elementos do folclore infantil e, por meio deste, aos estudos dos grupos infantis conhecidos como “Trocinhas” (Fernandes, 2004a, p. 200).

Como enfatizado anteriormente, o estudo teve início em 1940, sendo apresentado em 1944 ao concurso de “Temas Brasileiros”, instituído pelo Grêmio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, conquistando o prêmio relativo à seção de Ciências Sociais.

O referido estudo consistiu em uma pesquisa etnográfica realizada com crianças residentes em bairros operários (Bom Retiro, Lapa, Bela Vista, Brás, Pinheiros), da cidade de São Paulo, no momento de suas brincadeiras de rua, chamadas pelas próprias crianças, segundo Florestan Fernandes (1944), de “Trocinhas”. As Trocinhas caracterizam-se por serem organizações de grupos de crianças formados por vizinhança, propiciando às crianças de uma rua realizarem suas brincadeiras. No estudo, Fernandes observou as relações entre as próprias crianças, suas formas organizativas, a construção das regras e práticas de sociabilidade, bem como a forma de apropriação dos conteúdos contidos nas brincadeiras vinculadas ao folclore infantil.

Embora sendo um estudo sobre o folclore Infantil, Florestan, ao analisar sociologicamente o termo, observou que este não dava conta para explicar toda a riqueza do material coletado. Sendo assim, optou por utilizar o termo Cultura Infantil. Como expressa o citado autor:

Cultura infantil, aqui significa aproximadamente o mesmo que folclore infantil. A diferença entre “folclore infantil” e “cultura infantil” é pouco sensível. A segun-

da abrange alguns elementos ou complexos culturais de natureza não folclórica (...). A expressão Cultura Infantil é mais adequada na medida em que traduz melhor o caráter da subcultura que nos preocupa no momento. Ela é mais inclusiva que o “folclore infantil” e traz consigo a conotação específica concernente a cultura total partilhada de modo exclusivo, pelas crianças que constituem grupos infantis que acabamos de descrever (Fernandes, 2004a, p. 214).

3 As crianças e as Mobilizações Infantis no MST³

A participação das crianças na luta do MST é parte de uma realidade histórica que tem se constituído em aprendizado político. De acordo com Caldart (2000, p.189-192), as crianças ocuparam três lugares no contexto da luta do Movimento, passando de testemunhas a sujeitos da luta. Para a autora:

O primeiro lugar ocupado pelas crianças foi como testemunhas de lutas de suas famílias, ou seja, estavam lá e acompanhavam, sofriam, o desenrolar dos fatos de cada ocupação, acampamento, assentamento (...); o segundo lugar foi da percepção de suas presenças, e estas exigindo atenção, ou seja, a inclusão da lutas pela escola na luta pela terra (...); e o terceiro lugar é o que está sendo construído ou conquistado pelas crianças Sem Terra ou Sem Terrinha, identificando-as como sujeitos Sem Terra e parte da dinâmica do MST.

Ao participar da luta pela terra junto com seus pais, as crianças e os adolescentes do MST, que outrora eram vistos apenas como “futuro”, excluídos dos processos de decisões da família e da sociedade, passaram a ser sujeitos construtores de um processo transformador. Passaram

³ Os dados para composição desse item foram extraídos da pesquisa de doutorado em educação realizado na FACED/UFBA (2007).

a ter ideais, projetos de futuro, perspectivas de vida construída, tendo como referência a coletividade. A criança Sem Terra no MST passou a ser considerada um ser social que integra a totalidade de um projeto em construção. A participação ativa das crianças nas lutas do Movimento propicia a construção de resistências e possibilidades em busca do projeto histórico-socialista.

As Mobilizações Infantis no MST são frutos dos processos históricos dos adultos, vivenciados pelas crianças, no conjunto das ações realizadas pelo protagonismo delas como parte das lutas do próprio Movimento; acima de tudo, representam novas formas de luta. No dizer de Amorim (1999, p. 10): “Só se mobiliza quem tem alguma causa, algum sonho, alguma coisa a conquistar”.

A seguir, será tomada como referência a caracterização das mobilizações dos Sem Terrinhas efetuadas nos estudos de Ramos (1999), Ferreira (2002), Santos (2002), e as publicações do próprio Movimento (MST, 1999ab), além dos relatórios dos encontros realizados na região Extremo Sul da Bahia, na década de 1990 e 2000.

As Mobilizações Infantis existentes no MST são de vários tipos e formatos como: encontro das crianças Sem Terra; acampamentos na escola; ocupação de órgãos públicos; participação em feiras de ciências, olimpíadas e festivais; concurso nacional. Esse trabalho propõe discutir apenas o encontro das crianças Sem Terra, denominado por elas como Encontro dos Sem Terrinhas.⁴

O nome Sem Terrinhas surgiu por iniciativa das crianças que participaram do Primeiro Encontro Estadual das Crianças Sem Terra do Estado de São Paulo, em 1997. Elas começaram a se chamar assim durante o encontro, e a denominação acabou sendo incorporada à identidade das crianças que participam do MST em todo o Brasil, constituindo-se em uma identidade das próprias crianças (Ramos,1999).

⁴ (Ramos, 1999).

Os Encontros dos Sem Terrinhas representam atividades político-organizativas realizadas pelo MST desde 1994, geralmente no mês de outubro, e correspondem à Semana da Criança. Os encontros ou mobilizações fazem parte do processo da organização das crianças e dos adolescentes dos acampamentos e assentamentos do MST e constam como atividades de formação, recreação e mobilização política. São realizados em nível local, regional, estadual e nacional, dependendo das condições de cada estado. Em média duram de 2 a 4 dias.

Em alguns estados, os encontros têm caráter mais reivindicatório. Em outros, mais de estudo, lazer e troca de experiências. Alguns juntam o caráter da reivindicação ao estudo e ao lazer. Geralmente, o centro da reivindicação é a luta por escolas adequadas nos assentamentos e acampamentos.

4 Breve descrição dos encontros dos Sem Terrinhas

Organização dos Encontros – A organização de um encontro se dá por local de moradia e nas escolas, envolvendo toda a comunidade assentada ou acampada. Dessa forma, as crianças, incentivadas pelos adultos, aprendem a se organizar em pequenos grupos nos próprios assentamentos com estudos, debates, divisão de tarefas e responsabilidades. Para a realização de um grande encontro, vários encontros preparatórios nos pequenos grupos são realizados. Nessas ocasiões, os núcleos de base que se constituem num dos espaços formativos do próprio local de moradia se tornam o motor inicial para a organização dos encontros das crianças. Assim, a organicidade do assentamento, os valores educativos cultivados, as atitudes e os aprendizados se constituem em referências principais para a organização dos encontros. Nos núcleos geralmente se levantam as demandas reais, as necessidades das crianças e da comunidade; posteriormente, são elaborados os objetivos concretos da atividade a ser

desenvolvida, dividem-se as responsabilidades e tarefas, tendo como objetivo a realização a preparação do encontro propriamente dito.

A organização de um encontro se dá em dois momentos, para os quais são formadas as equipes de trabalho: a) um primeiro momento no período de preparação do encontro, quando o coletivo das crianças se organiza para a participação no evento. São distribuídas as responsabilidades entre as crianças no tocante à preparação das místicas, envolvendo: apresentações teatrais, recital de poemas, músicas, brincadeiras, animação, palavras de ordem, estudo das temáticas a serem debatidas no encontro, levantamento dos problemas a serem reivindicados nas audiências com as autoridades públicas. É importante salientar que todas essas tarefas são assumidas coletivamente pelas crianças, que se auto-organizam para a sua realização, e só quando necessário chamam os adultos; b) outro momento de organização do trabalho se dá na própria realização do encontro, quando são designadas as equipes de trabalho para organizar: alimentação, limpeza, ornamentação, coordenação, comissão da disciplina, equipes de saúde, animação e mística, enfim, o que for necessário para o sucesso da atividade.

A organização/preparação de um encontro dura alguns meses e, geralmente, se inicia com a mobilização nas próprias comunidades, com o empenho para conseguir recursos para o deslocamento das crianças; aquisição de alimentos para os dias do encontro, deixando claras as dificuldades existentes, mas, ao mesmo tempo, mostrando a determinação para realizar as atividades políticas e culturais.

Execução/realização - A programação de um encontro consta de momentos de estudos, lazer, gincanas, com o objetivo de integração nos debates acerca da problemática geral do País, e marcha com a entrega de documentos de reivindicações aos poderes públicos.

Os encontros dos Sem Terrinhas são espaços que propiciam às crianças o exercício da autonomia e da auto-organização, elementos que constituem algo complexo,

exigindo tempo e dedicação, além de uma vivência coletiva baseada em princípios coletivistas, solidários praticados regularmente antes do encontro. A diferença é perceptível quando as crianças são comparadas com outras crianças educadas em espaços aleatórios e sem intencionalidade. As marcas das contradições aparecem na atitude dos adultos nos momentos em que demonstram não acreditar na capacidade de auto-organização das crianças e, por vezes, tentam comandá-las e controlá-las, impedindo a potencialidade infantil de realizar tarefas tão importantes quanto as dos adultos.

Os objetivos dos encontros dos Sem Terrinhas são: propiciar a vivência de uma organização coletiva e a participação de crianças e adolescentes; debater os principais problemas que afetam essa faixa etária; realizar confraternizações e lazeres coletivos; propiciar mobilizações em prol de escolas nos assentamentos e acampamentos, seguindo as orientações nacionais do MST.

O número de participantes varia entre 150 a 600 crianças. Os meses indicativos seguem a orientação do mês comemorativo do Dia das Crianças; as temáticas acentuam geralmente a palavra de ordem geral do Movimento, observando a luta pela escola e a qualidade de vida, que, segundo o Movimento, passam pela luta contra a utilização das sementes transgênicas, a preservação do meio ambiente e a luta contra a propriedade privada da terra.

Para a realização de um encontro dos Sem Terrinhas, as crianças são convocadas a participarem desde a concepção do encontro até a sua avaliação final, quando são apontados erros e acertos.

Inicialmente, os coletivos de educação do MST realizam diagnósticos da situação educacional nos assentamentos da região. Os problemas indicados nos diagnósticos se tornam matéria para reivindicações das mobilizações infantis. Geralmente, os problemas são: fechamento de escolas de nível fundamental completo, com transferências de alunos para uma escola urbana; transporte escolar deficitário; escolas sem manutenção etc. Essas

constatações vão fornecendo subsídios para os estudos e debates na realização dos encontros ou mobilizações dos Sem Terrinhas.

Geralmente, elege-se democraticamente um tema central que norteia os debates nas escolas através de estudos de textos e reflexões; posteriormente, são criadas palavras de ordem, apresentações teatrais, poesias, músicas, místicas. Além da temática mencionada, são também estudados e debatidos temas relacionados à história da luta pela terra no Brasil e a História do MST, entre outros, com leituras gerais para preparação da participação na tradicional gincana cultural.

Além dos estudos, são também realizadas nos assentamentos assembleias das crianças para preparação da organização do encontro, escolha dos delegados, coordenação da delegação, ensaio das canções da luta, preparação das tarefas daquele assentamento durante o encontro, como apresentação das místicas. Também são feitos acordos coletivos, estabelecidas normas de convivência/comportamento e definição de responsabilidades durante os encontros.

Geralmente, as programações constam de apresentações culturais, oficinas (pinturas, teatro de bonecos, dobraduras, maculelê, capoeira, restauração e confecção de brinquedos, música, dança, jogos, higiene pessoal e embelezamento) e a gincana cultural. A abertura de cada dia inicia-se com mística apresentada pelas crianças, acompanhada do hino do MST, a conferência de todas as brigadas/núcleos, palavras de ordem e assim iniciam as atividades do dia.

Gestão dos encontros – Além de participar da programação que é intensa, em um encontro dos Sem Terrinhas, as crianças também vivenciam um modo de organização que se assemelha à organização do seu próprio assentamento, ao qual o Movimento dá o nome de organicidade. Dessa forma, as crianças são organizadas em brigadas, que são pequenos grupos coordenados por, geralmente, três crianças escolhidas durante o encontro,

sendo um menino e uma menina, e mais uma encarregada para fazer os relatos da brigada nos trabalhos em grupos ou nas reuniões realizadas durante o encontro. Esses coordenadores formam uma coordenação geral que ajuda na condução do encontro, organizando as atividades, ajudando na montagem da infraestrutura e na resolução de problemas que possam ocorrer.

Essa forma de gestão busca organizar-se dentro dos princípios e objetivos da educação no MST, e os encontros propiciam experiências significativas para as crianças, pois vivenciam formas de organização coletiva, têm clareza do que deve ser uma organização de massa, uma gestão compartilhada, têm referências organizativas para o trabalho de auto-organização na escola ou assentamento de onde vêm, além de terem uma ideia de como são organizados os encontros dos quais seus pais participam. Uma coordenadora do setor de educação assim se manifestou:

Os encontros de Sem Terrinha constituem espaços primordiais. Pois, além de discutir os seus direitos, há espaços para as atividades lúdicas e para auto-organização, além de vivenciar na prática os valores que o Movimento defende como, a cooperação, o trabalho, a solidariedade e o companheirismo (Araújo, 2007, p. 250).

Um limite fundamental a ser apontado é que, sendo os encontros realizações anuais, para sua preparação e posterior socialização, envolvem-se, no máximo, três ou quatro meses do ano. Desse modo, há que se perguntar: como se dá a formação dessas crianças quando elas não estão envolvidas com esse processo? O que é feito para o exercício da prática permanente desses valores na escola, no assentamento de forma geral?

É necessário que as vivências e experiências dos encontros se estendam às escolas, às vivências no cotidiano dos assentamentos para que se tornem cultura e assim construam outro modo de vida baseado em outras relações.

Durante um encontro, percebe-se que as crianças desenvolvem experiências de organização em vários coletivos para realização de atividades como lazer, trabalhos práticos, tarefas políticas, estudo, alojamento, alimentação e atitudes de solidariedade, companheirismo, cooperação, disciplina.

Todavia, se essas experiências organizativas não forem cultivadas no cotidiano dos assentamentos e acampamentos, seus resultados serão poucos ou quase inexistentes para a formação de uma cultura infantil no seio da luta pela terra. Isso é essencial no Movimento, visto que as crianças, embora assentadas e acampadas, participantes de um processo de luta permanente, estão inseridas em uma sociedade de mercado onde predominam valores e relações sociais antagônicos aos valores defendidos pelo Movimento. Essas crianças vivem em permanente tensão entre os valores e as relações sociais do MST e os da sociedade capitalista, que se contrapõem e se chocam permanentemente, exigindo uma séria organização e reflexão sobre o modo de vida em todos os locais de vivências das crianças.

A participação nos encontros não se dá improvisadamente, pois todo o processo envolve uma preparação que antecede os encontros. Ela se dá de forma intensa para que as crianças entendam e participem ativamente de todo o processo, ou seja, a dimensão educativa do encontro ocorre na preparação, realização e retorno do encontro, quando as crianças que participaram têm a tarefa de socializar o que se passou no encontro com a comunidade assentada e acampada e com as outras crianças que lá não foram.

De conformidade com os documentos que orientam os encontros, a atividade de socialização deve ser prevista desde a preparação, embora sejam importantes as orientações e propostas por escrito, mas elas não são suficientes para garantir a articulação de toda a atividade, que envolve preparação, execução, socialização e avaliação do processo.

A virtualidade dos encontros dos Sem Terrinhas está em sua dimensão educativa quando de sua preparação, pois exige envolvimento de todas as crianças nos aspectos organizativos, no planejamento, na execução, na avaliação e nos aspectos de mobilização e elevação da consciência (em uma mobilização, as crianças encontram-se em confronto direto com o Estado por meio das negociações com as Prefeituras e com os secretários de educação dos estados). Os encontros dos Sem Terrinhas também educam os adultos, uma vez que, ao acompanhá-los, estes precisam ouvi-los e respeitá-los como crianças singulares, que estão se formando em um contexto de luta, o que exige dos adultos muita paciência pedagógica.

5 Considerações das possíveis relações entre os estudos de Florestan Fernandes sobre as culturas infantis e as mobilizações dos Sem Terrinhas do MST

A fim de estabelecer possíveis relações entre os estudos de Florestan Fernandes e as mobilizações infantis do MST, nos valem da própria lógica analítica do autor. Florestan procede a análise dos grupos infantis de duas maneiras:

a) Análise dos grupos infantis (processo de formação, organização e funcionamento, desenvolvimento dos jogos e brincadeiras). Em relação à organização – nos grupos menos rígidos que a estrutura familiar, havia regulações, deveres, direitos e sanções para os transgressores. Desse modo, observa-se que Florestan Fernandes, ao pesquisar a organização infantil, levou a infância e suas organizações a sério, sendo um dos primeiros autores da sociologia a dar voz às crianças em suas pesquisas. Outro elemento importante é detalhar a complexidade das organizações infantis. O autor mostra em sua obra os sistemas de regras que regem as trocinhas; observa ele que não havia separação por sexos na primeira e muitas vezes

na segunda infância. Na puberdade, era uma constante. A organização dos agrupamentos, normalmente os de classe pobre e baixa e da classe média, tinha maior afinidade. Os ricos formavam grupos mais fechados.

Quando olhamos os encontros dos Sem Terrinhas, observamos que a intencionalidade do projeto político dos adultos está presente no processo. Constatamos que normas e regras estão presentes também. Por conta do contexto em que estão inseridas e os enfrentamentos que precisam realizar, as ações dos encontros exigem que as crianças aprendam a tomar decisões, respeitem a organização coletiva, propiciem o debate, sejam disciplinadas, desenvolvam a pertença à organização. Para isso, as crianças aprendem a planejar, executar e avaliar em conjunto, desde as atividades mais políticas, quanto o lazer coletivo. Desse modo, o processo do encontro é um cabedal de possibilidades de construção de um ser humano para outro projeto histórico.

As mobilizações contribuem para romper o isolamento das crianças e das escolas do campo, possibilitando atividades conjuntas em que várias escolas de assentamentos e acampamentos precisam se articular, permitindo que sejam feitas parcerias com universidades, centros esportivos, grupos culturais, visitas a locais históricos.

O fato de ser uma atividade pontual que se realiza apenas uma vez ao ano não permite uma continuidade do processo iniciado. Faltam continuidade e nexos no processo educativo desenvolvido nos encontros com o cotidiano permanente da escola. Ainda permanecem dúvidas quanto à organização infantil, como aliar atividades de lazer às lutas para melhoria da qualidade de vida e elevação da consciência social e política.

b) Análise da cultura infantil (tradições, processos de formação da cultura e socialização das crianças no grupo e entre os grupos). Para Florestan Fernandes, a cultura infantil não é apenas uma preparação para a vida adulta, mas um fenômeno com suas próprias lógicas e significados. Concluiu que existe uma cultura infantil, constituída

pelos elementos culturais, mas ela provém em grande parte da cultura dos adultos (papai e mamãe, banqueiro, polícia etc.) que se transfere para o mundo infantil, mas recriada por eles, pelas funções sociais que devem desempenhar. Para o autor, as crianças incorporam as ideias dominantes, modos de ver, de sentir, de pensar e de agir. Os grupos infantis funcionam como “iniciação à vida social”.

O que se observou nas mobilizações dos Sem Terrinhas algo semelhante, embora as mobilizações sejam das crianças, elas têm como referência as lutas de seus pais, no contexto da luta pela terra. Inclusive, a própria identidade “Sem Terrinhas” de certa forma é uma referência à identidade Sem Terra dos seus pais. As problemáticas que envolvem as crianças Sem Terra são parte do processo de enfileiramento realizado por seus pais e, na atualidade, uma geração de avós também lutadores, tendo em vista que o MST completou 40 anos de existência em janeiro de 2025. De certa forma, uma cultura infantil camponesa popular está se formando no seio da luta pela terra.

Para Florestan Fernandes, a conduta democrática vinha da própria natureza do grupo infantil em ação. A dinâmica com o sistema próprio de normas e valores distinguia os integrantes mais pelas transgressões do que pela classe, etnia ou nacionalidade.

c) MST a interação social e a valorização do lúdico – Florestan Fernandes percebe que a interação entre meninos e meninas, de diferentes idades, classes sociais, nacionalidades e vínculos de vizinhança evidencia a importância central da recreação. Segundo o autor, as crianças se reuniam para brincar, e os jogos iam criando a atmosfera de compreensão comum e amizade recíproca. E isso estreitava laços e unia os integrantes do grupo. Os jogos e rodas infantis atuavam como causas indiretas dos agrupamentos, nos quais se realizava o desejo maior de “brincar”.

Nos encontros dos Sem Terrinhas, observou-se que as atividades lúdicas são parte do processo, compondo um campo rico de interações sociais, em que as crianças

ensinam, aprendem, brincam, realizam trocas significativas por meio de suas próprias linguagens e simbologias.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo relacionar os estudos e reflexões sobre o pensamento de Florestan Fernandes e a luta dos Sem Terrinhas brasileiros, observando aproximações e distanciamentos, tendo como foco as mobilizações infantojuvenis realizadas pelo MST-Brasil.

Na atualidade, estudiosos⁵ do campo da Sociologia da Infância têm argumentado sobre as contribuições de Florestan Fernandes ao citado campo de estudos. Nessa linha são inegáveis as suas contribuições aos estudos de temáticas importantes como: autonomia infantil; crianças como sujeito; interações entre as crianças; cultura infantil; brincadeiras de rua; processo de socialização infantil; análise de classes, etnia, gerações e outras.

Seguindo as referências metodológicas e analíticas deixadas pelo professor Florestan Fernandes em seu estudo sobre as “Trocinhas do Bom Retiro”, adentramos ao universo da organização do MST, em especial os Sem Terrinhas e sua principal forma organizativa, os encontros e mobilizações infantis.

Sobre as aproximações entre os estudos de Florestan Fernandes, salvaguardando as suas especificidades e o momento sócio-histórico em que foram produzidas, podemos asseverar que existem categorias utilizadas pelo pensador que continuam atuais para análises sociológicas das crianças Sem Terrinhas do MST na atualidade, tais como: cultura infantil; processo de formação, organização e funcionamento, desenvolvimento dos jogos e brincadeiras das crianças, interação infantil, criança como sujeito.

⁵ Oliveira (2020); Arenhart (2012, 2016).

Fernandes recusa olhar as crianças como seres passivos; as vê como seres criadores de cultura, de símbolos, linguagens, normas e regras próprias; embora os adultos sejam as referências, elas tudo redefinem a partir de suas próprias linguagens e simbologias.

Constatou-se que, nas mobilizações Infantis do MST, os Sem Terrinhas são sujeitos de vários processos, desde o planejamento, execução, gestão e avaliação da totalidade das atividades, desde as mais políticas como a negociação com as autoridades, quanto as de estudo e lazer. Embora sendo processos diferentes e distantes temporalmente, constatou-se que a obra de Florestan Fernandes continua atual para analisar sociologicamente e estudar as crianças organizadas no Brasil.

Concluimos que as mobilizações infantis do MST se aproximam dos estudos de Florestan Fernandes, na medida em que propiciam às crianças criarem espaços próprios de organização, participação e mobilização, promovendo assim a cultura infantil, passando a se constituírem como sujeitos de suas próprias histórias. Nesse sentido, a organização do MST concebe as crianças como sujeitos ativos e produtores de culturas, no processo da realização da reforma agrária e da transformação da sociedade.

Referências

Amorim, J. (2009). In MST. *Crianças em movimento: As mobilizações infantis no MST* (p. 10). Gráfica e Editora Peres.

Araujo, M. N. R. de. (2007). *Contradições e possibilidades de construção de uma educação emancipatória no contexto da luta pela terra* [Tese de doutorado]. Universidade Federal da Bahia.

Arenhart, D. (2012a). Contribuições de Florestan Fernandes ao estudo das culturas infantis. *Sociologia e Educação*, 2, 57-78. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16553.PDF>

Arenhart, D. (2012b). As culturas infantis em Florestan Fernandes: Interfaces com a Sociologia da Infância. In M. L. R. Muller & L. P. Paixão (Orgs.). *Olhares sobre a educação – Pesquisando raça, classe social, gênero e geração, (1)*, 59-74.

Arenhart, D. (2016). *Culturas infantis e desigualdades sociais*. Vozes.

Bogo, M. N. R. A. (2007). *As contradições e as possibilidades de construção de uma educação emancipatória no contexto da luta pela terra* [Tese de doutorado]. Universidade Federal da Bahia.

Caldart, R. S. (2000). *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Vozes.

Da Mata, L. K. L. (2015). *Os Sem Terrinha no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Estadual Paulista.

Fernandes, F. (2004a). As trocinhas do Bom Retiro: Contribuição ao estudo folclórico e sociológico dos grupos infantis. In F. Fernandes. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo** (pp. 117-144). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1961)

Fernandes, F. (2004b). *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1961)

Ferreira, M. P. A. (2002). *O lúdico e o revolucionário no MST: A prática pedagógica no encontro do Sem Terrinha*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Pernambuco.

Garcia, R. L. (1997). A educação numa plataforma de economia solidária. *Proposta, (74)*, 42-57.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. (1999a). *Como fazemos a escola de educação fundamental*. (Caderno de Educação nº 9).

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. (1999b). *Crianças em movimento: As mobilizações infantis no MST* (Coleção Fazendo Escola). Gráfica e Editora Peres.

Oliveira, F. (2020). Florestan Fernandes e os estudos sociais da infância. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 17(50). <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4561/47967221>

Ramos, M. M. (1999). *Sem Terrinha, semente de esperança*. [Monografia de conclusão de curso normal médio, ITERRA/MST].

Santos, A. C. dos. (2002). *As mobilizações infantis: Encontros dos Sem Terrinha no Extremo Sul da Bahia*. [Monografia de graduação]. Universidade Federal do Espírito Santo.